

PMS	PM	PM
BIBLIOTECA		
Trubuma da Bahia		
0410712007		
Salvador	11	
Assunto		
Deposito Civil		

Tristeza no Abrigo Mãe Preta da Montanha

Incêndio criminoso destrói sonho

LILIAN MACHADO

Muita fumaça, a grande quantidade de entulho queimado e o sofrimento de Mãe Preta e seus abrigados foi o que restaram do incêndio do casarão de nº 57 A, na Ladeira da Montanha. A tristeza e a esperança de recuperar tudo de novo se confundiam no olhar de Maria Davina Rodrigues de Oliveira, 83 anos, apenas conhecida como Mãe Preta. "Eu perdi tudo, mas vou ganhar em dobro. Só vou deixar de ser Mãe Preta da Bahia quando eu morrer", dizia ontem, emocionada, enquanto observava o que sobrou da estrutura.

O antigo abrigo de maior referência para os pedintes e necessitados do Centro da Cidade foi destruído pelo fogo que começou em um dos cômodos, no último domingo por volta das 17 horas. O fogo atingiu todo o casarão de forma rápida, não permitindo a retirada dos móveis. "Só deu tempo de correremos para salvar nossas vidas", lembrou o jovem cabeleireiro Valério da Silva que morava há 15 dias no local.

Conforme conta Mãe Preta, o incêndio teria sido provocado por Marquinho Pereira do Rosário, um "sacizeiro", como a própria o define, que costumava roubar mantimentos e objetos do abrigo. "Nem os parentes querem saber desse rapaz que já nos roubou várias vezes e tem até três queixas em delegacia", diz se referindo ao acusado.

Mãe Preta estava cochilando no quarto quando Valério a chamou informando que a cozinha estava pegando fogo. No casarão com mais de dez cômodos moravam 35 pessoas, mas segundo Maria Davina, todos os dias dezenas de necessitados, entre adultos e crianças passavam para fazer alguma refeição. "Como era muita gente, um botijão aqui só durava dois dias", conta ela.

Os desabrigados ainda não têm para onde ir, mas já contam com uma promessa da Prefeitura de acomodá-los nas redondezas do casarão incendiado. A senhora que gosta de ajudar os "solfeiros"

FOTOS GERALDOATAIDE



Mãe Preta observa chorando o que restou do abrigo que ela mantinha para receber crianças e mendigos

res" resiste quando a sugestão oferecida é a saída do local. "Não quero sair daqui", conta Davina que saiu do município de Andaraí quando tinha apenas 15 anos e virou referência na Ladeira da Montanha, uma das mais famosas da cidade.

Mesmo sem grande perspectiva, Davina faz questão de ressaltar que não vai parar de ajudar os excluídos do Centro da Cidade. "Vou continuar lutando pelos pobres", afirma, frisando que os espíritos de Irmã Dulce e Dom Lucas Moreira Neves devem estar do seu lado.

"O casarão era simples, mas tínhamos televisão, rádio, telefone, fogão, geladeira, mesa e camas. Perdemos tudo isso", diz a mãe popular. "Quando não tinha cama para todos, eu forrava o chão com lençol e cobertor", acrescenta.

Todos apoiam a protetora

Entre os protegidos de Davina, está o catador de latas, Cleber Dias da Silva, 30 anos, que passa frequentemente no abrigo para comer alguma coisa. Dias saiu de Aracaju há 3 anos e sem esperanças de melhoria começou a catar lata para sobreviver. "Devemos ficar juntos dela na hora da alegria e da tristeza", frisa.

Mãe Preta orgulha-se ao lembrar que teve 20 filhos e mais de 40 netos: "Tenho 12 filhos vivos que me ajudam bastante e netos que estão estudando. Uma até se formou em advocacia. Ajudei muita gente", cita, destacando que até hoje recebe colaboração financeira e cestas básicas de autoridades, comerciantes, empresários,

políticos e ex-políticos baianos.

"É com eles que agora eu conto para que me ajudem a conquistar tudo novamente", diz. Além do lar da Ladeira da Montanha, Mãe Preta tem uma creche no Largo Dois de Julho, que abriga cerca de 60 crianças.

Ontem pela manhã, engenheiros da Defesa Civil de Salvador estiveram no local, mas diante da grande quantidade de entulho não puderam fazer uma vistoria completa. Como medida de prevenção, o casarão incendiado foi isolado. De acordo com o engenheiro Danilo Alves, somente uma avaliação mais precisa definirá se os casarões vizinhos correm riscos de desabamento.

□ FONTE NOVA

Moradores de rua aceitam acolhimento

FOTO ROMILDO DE JESUS



Alguns moradores de rua do Estádio da Fonte Nova resistem aos apelos

Cerca de 20 membros do grupo da família Jarrão, entre adultos e crianças, que viviam em situação de rua nas imediações da Fonte Nova, aceitaram acolhimento oferecido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Sedes) e estão morando em quatro casas alugadas pela Prefeitura, no bairro de Valéria. Além do acolhimento, foram doadas cestas básicas. O caso da família Jarrão foi amplamente divulgado pelos meios de comunicação de Salvador. Apesar das insistentes investidas dos agentes sociais da equipe de Abordagem da Sedes e dos registros de benefícios concedidos nesta e em administrações municipais anteriores, há mais de 15 anos eles insistiam em permanecer morando nas ruas.

Ocupavam espaços em logradouros na região do Viaduto dos Engenheiros, Vale da Nazare e

Escadarias da Fonte Nova. "Algumas pessoas ainda permanecem morando na porta do estádio, mas pretendemos em breve convencê-las dos riscos em permanecer naquela situação de vulnerabilidade", disse o secretário Carlos Ribeiro Soares.

Desde 1997, a família com-

posta de mãe e dez filhos - todos nascidos nas ruas - se tornou um símbolo da complexidade que é o trabalho de resgate da cidadania da população de rua, em Salvador. Matérias de jornal, rádio e televisão mostram o drama da família conhecida como Jarrão. "Eles insistiam em permanecer na rua",

lembrou o secretário. "Há mais de um ano nossa equipe de agentes sociais trabalhava para que eles aceitassem retornar ao programa de Auxílio Aluguel. Foi uma árdua vitória a conquistada hoje (dia 29)", disse Soares, lembrando que os Jarrão abandonaram casas alugadas anteriormente e, mesmo gozando do benefício, voltaram para a rua. "Isso nos obrigou a suspender os repasses de recursos e pedir interferência do Ministério Público no caso".

Soares sabe dos riscos de D. Maria, matriarca dos Jarrão, voltar a viver nas ruas, mas disse que continuará trabalhando para acontecer o contrário. "Vamos dar acompanhamento social domiciliar e entender todos os esforços para que eles se conscientizem de que precisam mudar o modo de vida, sobretudo para não colocar em risco as crianças e os adolescentes".